

MACUNAÍMA REVISITADO: NEUROSE E IDENTIDADE

Robson Pereira Gonçalves*

O papel do artista não é figurar uma nacionalidade, mas transformá-la de maneira a sintetizar na obra dele o que na pátria está disperso.

Mário de Andrade

Muito mais do que entender *Macunaíma* como ícone de uma identidade brasileira, de um caráter nacional, nossa perspectiva é a de apontar naquele texto a denúncia de neurose que compõe a identidade dos falares brasileiros. A intenção de revisitar, no nosso ponto de vista, tem essa dimensão do retorno ao sintoma insistente - a qual identidade aderir? o que é verdadeiramente ser brasileiro? que língua é essa, a brasileira? Essas questões, via de regra, são levantadas pelas referências do texto de Mário de Andrade. Quando nos reportamos pela primeira vez ao *Macunaíma*, o fizemos com o intuito de apreender o que é isso de não ter caráter e como isso se amolda na cultura nacional.¹ Naquela perspectiva, a orientação se detinha nos múltiplos planos que engendram a *rapsódia* marioandradina, seja pelos componentes antropológi-

* Professor do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Santa Maria.

¹ Gonçalves, Robson Pereira. *Macunaíma: carnaval e malandragem*. Santa Maria: UFSM-Imprensa Universitária, 1982.

cos que estruturam a cultura nacional (mitos, ritos, folclore), seja pela dimensão sociológica que mapeava a composição e actancialidade dos personagens. Nessa medida, revisitar o texto é repetir o sintoma com diferença, não do mesmo à maneira da estilística, mas do múltiplo que organiza a subjetividade.

Um primeiro passo em direção à identidade do *Macunaíma* é vislumbrarmos a possibilidade de conceituar uma *identidade sem identificação*. Nessa dimensão, identidade não se configura, aqui, como síntese da multiplicidade (virtual na composição do herói), porém conjuga o confronto dessa multiplicidade com o não-senso, cujo resultado é uma identidade sem identificação. O que se aponta acima é o desfilar do sintoma da fala brasileira que, na narrativa de Mário de Andrade, se traveste de criação de sentidos. Dessa forma, ritos, folclore, regionalismos, mitos, falares e sotaques são empregados como um *atravessamento* dos múltiplos sentidos (significados) da brasilidade, para chegar a uma referência última - *o herói sem nenhum caráter* - que é um não-senso, que é uma identidade sem-sentido, ou sem identificação. Mas, então, o que mimetiza a narrativa? Mário de Andrade se reporta, numa carta a Camargo Guarnieri, à criação do sentido na arte que conduz o processo mimético a produzir coisas graciosas, profundas, ardentes:

Um artista da mesma forma como pode imitar outro alguém, pode também imitar as ordens gerais da criação, fazer uma coisa que ele queria que seja profunda, fazer outra coisa que ele queira que seja graciosa, fazer outra que ele queira que seja ardente.²

Aquela questão de mimetizar uma referência identificatória é o que se discute, quase sempre, quando se trata do *Macunaíma*. O exemplo da formação étnica brasileira, na narrativa do episódio Piaimã³, ilustra criticamente esse balanço entre o que aqui se referencia como identidade e aquele desejo de uma identidade baseada no modelo importado. Como o próprio Mário explica, o que o artista faz é transfigurar essas referências e não identificá-las como símbolo de uma identidade, de uma nacionalidade. A nacionalidade se faz no sintoma da língua e o

² Andrade, Mário. Correspondência inédita de Mário de Andrade a Camargo Guarnieri. Ver artigo "Mário de Andrade atacava nacionalismo" in *Jornal Folha de São Paulo - Ilustrada*, p. 6 18/09/1993.

³ Andrade, Mário. *Macunaíma - o herói sem nenhum caráter*. 17a. ed. São Paulo: Martins, 1979, p.48.

sentido da arte na criação de significâncias. Dessa forma, a possibilidade de síntese em *Macunaíma* está nessa transfiguração que a narrativa faz daqueles múltiplos que não se unificam neuroticamente na realidade brasileira, porque a busca da unidade numa identidade é uma busca neurótica, é apagamento de todas as diferenças.

O estatuto neurótico dessa busca de identificação foi explorado pelo mestre MD Magno num texto intitulado *Neurobras \$ ò a*, onde o autor trata de um sintomática brasileira.⁴ O título remete para a fórmula da fantasia ($\$ \hat{a}$) - sujeito barrado punção de *a*, cujo destino no ensino laciano é apontar a relação do sujeito (seus sintomas) com todas as formas que apresentam a falta original. Nessa medida, MD Magno invoca o espírito de *mazombo* tão incrustrado no Brasil colonial, para falar desse sintoma que rege a problemática da identidade no Brasil e, por extensão, de *Macunaíma*. O mazobismo reflete essa neurose em torno de uma identidade, pois que o termo *mazombo* referia-se ao filho de português (europeu) nascido por aqui. Via de regra o mazombo, obsessivamente, era um ufanista de sua nacionalidade brasileira e um nostálgico pela herança sangüínea da riqueza cultural européia. O problema do mazombo é a obsessão de um sentido dado: brasileiro por nascença e europeu pela herança sangüínea. Afinal, qual era a sua identidade real? O tirar partido da situação sempre foi um sintoma nacional, apontado por *Macunaíma*. Essa vertente pode exprimir o surgimento daquilo que chamamos de malandragem, herança européia do pícaro espanhol, do trickster inglês, mas que aqui resulta na indicação do sintoma brasileiro e da fantasia nacional. O ato falho do personagem no episódio da *Carta prás Icamíabas* ilustra decididamente essa vertente neurótica do mazombo em relação à língua a ser falada: a culta e barroca ou a brasileira, rica em sonoridades e invenções.

A neurose é, em psicanálise, a primeira estrutura existencial que engendra a teoria do inconsciente freudiano. Freud via a neurose como um conflito psíquico (fóbico, histérico ou obsessivo) oriundo daquilo que o mestre chamou de *recalque*. Nessa perspectiva, o significante do desejo é transformado pela neurose em sintoma, que é fruto do recalque. A questão da identidade passa pelo conhecimento daquele recalque, pois o que se sintomatiza é aquilo que foi excluído em sua origem

⁴ MD Magno. *Neurobras \$ ò a* in: *A Prática Freudiana - anais do 4º Congresso Brasileiro de Psicanálise. Porto Alegre: Maiêutica Instituição Psicanalítica, 1987.*

e no entanto, passível de retorno. Neurotizar esse destino de dubiedade, de carnavalização de nossa identidade é o que se faz comumente, como exemplifica *Macunaíma*, que quer recalcar o retorno do recalque, numa forma obsessiva de buscar alhures o que está essencial aqui, na fala e na invenção de ser brasileiro. Como ensina MD Magno:

*Considero Macunaíma uma verdadeira denúncia da neurose brasileira, um caso clínico, mesmo que apresentado pelo avesso, configurado no vulto desse Macunaíma enquanto "erói", sem h, sem nenhum caráter. Como isto é possível no campo do sentido, a não ser como demonstração pelo avesso? Se é sem nenhum caráter, já é algum caráter ser sem nenhum.*⁵

O problema de *Macunaíma* não ter caráter reflete a obsessão de um sentido dado, de buscar um sentido. Isso é próprio dessa neurose de uma busca de identidade nacional que, *a priori*, já tem estabelecido o seu significado. A obra de arte que se preze é aquela que bem diz o sintoma da criação e, em seu retorno, inventa e constrói sentidos. Nessa situação, o personagem reflete mimeticamente aqueles múltiplos da brasilidade mas não constrói o sentido de um caráter. Diferentemente, a obra *Macunaíma* é exemplar na invenção de sentidos novos, porquanto expõe e bem diz o sintoma de uma fala brasileira, de uma arte brasileira.

Uma identidade sem identificação é tarefa que Mário de Andrade nos lega: seu *Macunaíma* não é o depositário dos sentidos do Brasil, antes é obra-de-arte que inventa sentidos, rompe com as neuroses dos sentidos dados e aponta para uma identidade de última instância. Essa identidade de última instância é a identidade sem identificação, ela é multiplicidade e caos porque indiferencia, pelo não-senso, todos os traços que organizam a brasilidade. Superar o mazombismo e o conformismo dos sentidos dados é o que nos outorga a boa obra literária. Quando Mário de Andrade ironiza no episódio *A pacuera de oibê* as identidades que seu herói leva da civilização - a galinha *Legorne*, o relógio *Pathek* e o revólver *Smith-Wesson*,⁶ está a mostrar esse mazombismo tão impregnado no sintoma brasileiro. Que sentido tem essa

⁵ Idem, *ibidem*, p.21.

⁶ Andrade, Mario. Op. cit., p. 177.

identidade da civilização no Uraricoera? Como transformar o sentido da nostalgia na criação *maneira* e não barroca de *bem-dizer* o sintoma que cria sentido brasileiro?

O vocábulo *maneiro* é usado por MD Magno para falar de uma superação da neurose, por exumar o sentido dado como causa da construção do sintoma brasileiro.⁷ O autor emprega a expressão, como forma de indicar o sintoma nacional em sua vertente de criação de sentido, em oposição aos termos clássico e barroco que engendram a herança cultural européia. A construção maneirista defendida por MD Magno visa a resgatar exatamente o lugar terceiro do *falanjo* - ponto fulcral do ato poético na construção dos sentidos e equivocação dos sexos. Nessa medida, o maneirismo próprio da sintomatização brasileira espelhariam a assunção daqueles múltiplos que regram a fala e as actancialidades de nossa gente (o jeitinho, a malandragem, o avesso, etc). Dizer o sintoma em sua vertente inventiva é o que intenta a narrativa marioandradina. Dessa forma, muito mais do que simbolizar uma identidade, uma vez que remete para um sentido dado, o maneiro seria esta forma de superar o conformismo, a obsessão do significado do caráter nacional, uma vez que é proposto com alegoria desse sintoma que intenta reinventar a fala brasileira. Esse sintoma se expressa na assertiva mais sintomática de Macunaíma - *Ai! que preguiça!* ou no dístico que atravessa a narrativa - *muita saúva e pouca saúde os males do Brasil são* - que denotam o maneirismo enquanto denúncia daquele sintoma que quer se espelhar no ideal europeu e positivista do estandar-te *Ordem e Progresso*. O ideal macunaímico do *brincar*, do prazear o sintoma, é tomada falange daquela alegoria primordial de uma construção de sentido, por isso vige neste bem dizer a emergência de uma identidade. Pela exacerbação dos contrários, Mário de Andrade inventa a construção da superação deles próprios, o que caracteriza a rapsódia como um *inventio* que constrói a possibilidade de gozo estético.

Macunaíma sendo uma tensão entre uma coisa e outra - *não-senso* e criação de sentido - acaba por “criar” um novo sentido de identidade. Nessa medida, o sentido dado no uso dos mitos, folclore, cantigas, regionalismos, e o não-senso tensionam o sintoma da narrativa a ponto de, pela criação, re-dimensionar o novo que é simbolizado nas artima-

⁷ MD Magno. “Forró do Brasil Maneiro” in *Revirão 3 - Revista da Prática Freudiana*. Rio de Janeiro: Aoutra, 1987.

nhas da língua. Não é um maneirismo a estória ter sido doada ao bicho-homem pelo papagaio que, depois de contar o “causo”, bateu asas para Lisboa? Quem quiser que invente sua estória para não ser o *brilho bonito mas inútil porém de mais uma constelação*.